

DOI: [10.46943/VIII.CONEDU.2022.GT07.003](https://doi.org/10.46943/VIII.CONEDU.2022.GT07.003)

CURSO DE FORMAÇÃO CONTINUADA CORPOS E DIVERSIDADE NA EDUCAÇÃO: BREVES ANÁLISES DE ATIVIDADES NO AMBIENTE VIRTUAL DE APRENDIZAGEM

Sirlene Mota Pinheiro da Silva

Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo. Docente do Departamento de Educação I e do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Maranhão – PPGE/UFMA. sirlene.ufma@gmail.com.

Zeila Sousa de Albuquerque

Doutoranda em Educação pelo PPGE/UFMA. Docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão – IFMA. prof.zeila@ifma.edu.br

Ana Clara Amorim de Oliveira

Estudante do Curso de Pedagogia da UFMA. Bolsista de Iniciação Científica do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC/FAPEMA/UFMA). ac.amorim@hotmail.com

RESUMO

Os corpos e as sexualidades são pensados como construções culturais que recebem significados sociais e são constantemente abordadas dentro de uma perspectiva biológica, desconsiderando a corporalidade como produção da cultura e que é por meio do olhar da cultura que ela recebe sentido. O presente artigo, fruto da experiência no Curso de Aperfeiçoamento “Corpos e Diversidade na Educação – CDE” oferecido pelo Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Gênero e Sexualidade nas Práticas Educativas – GESEPE/UFMA, objetiva analisar atividades realizadas durante o curso, tendo como base o tema Corpos e Sexualidades, destacando-se como as temáticas poderiam ser pensadas e trabalhadas em sala de aula. Realiza-se uma breve contextualização do Curso CDE, seus objetivos e sua organização. Discute-se aspectos da

DOI: [10.46943/VIII.CONEDU.2022.GT07.003](https://doi.org/10.46943/VIII.CONEDU.2022.GT07.003)

CURSO DE FORMAÇÃO CONTINUADA CORPOS E DIVERSIDADE NA EDUCAÇÃO:
BREVES ANÁLISES DE ATIVIDADES NO AMBIENTE VIRTUAL DE APRENDIZAGEM

transversalização da temática no espaço escolar, buscando-se alternativas para a inclusão das relações de gênero e da sexualidade no planejamento e na prática pedagógica, devendo ser esta inclusão um exercício constante de (des) construção no cotidiano escolar.

Palavras-chave: Corpos, Sexualidades, Formação continuada.

INICIANDO NOSSA CONVERSA

Partimos de uma perspectiva histórica das concepções de corpo e da sexualidade, considerando suas construções como um produto social, histórico e cultural, constituídos a partir de modos relacionais, permeados de valores, concepções de mundo, portanto mutáveis. Podemos iniciar perguntando: afinal, o que é corpo? Será ele apenas um aparato biológico? O que entendemos por sexo? E por sexualidade? Qual a relação entre o corpo, o sexo e a sexualidade? Diante destes questionamentos, precisamos buscar elementos para aprofundar nossos conhecimentos em relação ao processo de construção do corpo e da sexualidade. Sendo processo histórico e social, tanto o corpo, quanto o sexo e a sexualidade são continuamente construídos, transformados, destituídos, enfim, transformam homens e mulheres, pessoas diversas, de diferentes modos e com diferentes objetivos.

No entanto, estamos condicionados a pensar as pessoas dentro de um padrão de coerência de acordo com o qual uma pessoa que nasceu com um corpo determinado, o gênero e o desejo deve estar em consonância com ele. Uma pessoa que nasceu com uma “vagina”, por exemplo, deverá assumir uma identidade feminina, sempre se sentirá atraída afetivamente e sexualmente por homens e somente com eles manterá relações sexuais. Estas expectativas traçadas para os sujeitos constituirá uma matriz heteronormativa que vai orientar nossas perspectivas de normalidade e anormalidade.

A necessidade desta constante reiteração sinaliza que a materialização corporal da norma não é completa, mas instável e as rematerializações são possíveis, constituindo identidades desinentes da heterossexual. A heteronormatividade instaura uma concepção binária que distingue o que é lícito daquilo que é ilícito no contexto da sexualidade, organizando conhecimentos sobre as práticas e “saberes corporais”.

Com esse entendimento, e buscando-se problematizar a questão, a temática Corpo e Sexualidade foi trabalhada no Curso de Aperfeiçoamento Corpos e Diversidade na Educação (CDE), ofertado pelo Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Gênero e Sexualidade nas Práticas Educativas (GESEPE). Este curso trata-se de uma ação formativa do Projeto de Pesquisa intervenção “A Construção

das Relações de Gênero e da Sexualidade no Cotidiano Escolar”, que contou com o apoio de uma bolsista de Iniciação Científica do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC).

O Curso CDE aconteceu em parceria entre a Universidade Federal do Maranhão (UFMA) e a Fundação Sôsândrade de Apoio ao Desenvolvimento da UFMA (FSADU), objetivando acolher e promover a formação contínua de profissionais da educação básica. Neste artigo, inicialmente iremos conhecer um pouco sobre o Curso CDE e algumas das atividades realizadas por cursistas, destacando-se concepções e a possibilidade de transversalização do tema no currículo escolar.

METODOLOGIA

No período pandêmico, a internet mais uma vez se mostrou fundamental para a continuação de atividades antes realizadas de forma presencial, a exemplo das aulas em escolas e universidades, todos precisaram se adaptar ao Ensino à Distância (EAD), no entanto, apesar do acesso à internet ter melhorado, não impediu que diversos discentes de baixa renda ficassem impedidos de assistirem aula. Nessa perspectiva, dada as devidas ressalvas, também é importante salientar as facilidades que essa ferramenta proporcionou, no que se refere a educação, foram oferecidos vários cursos online, onde pessoas de diversas localidades conseguiram ter acesso a cursos que muitas vezes eram oferecidos somente em modalidade presencial, foi o que aconteceu com o Curso de Aperfeiçoamento Corpos e Diversidade na Educação, por isso para Soares e Stengel (2021, p.4):

Experiências virtualizadas perdem sua limitação geográfica, pois podem ser acessadas em qualquer lugar, desde que haja conexão com a rede; perdem sua limitação temporal, pois podem ser encontradas a qualquer momento. Anacronia e desterritorialização são incorporadas às experiências humanas que outrora eram norteadas a partir de um espaço-tempo rigorosamente delimitado.

Dessa maneira, levando em consideração todos os aspectos citados, a netnografia tornou-se o método que mais se adequava a

pesquisa, inclusive, seu surgimento está ligado a necessidade de se pesquisar e abordar o espaço virtual nas pesquisas, pois ela adequa os métodos etnográficos usuais as necessidades da internet, usando a interação social ocasionada por esse espaço como fonte de dados para compreender um fenômeno cultural, todavia, não há uma transposição fiel das metodologias etnográficas.

Além da revisão bibliográfica, com realização de leituras que tratam sobre os corpos, relações de gênero e sexualidade, realizou-se análise de documentos, destacando-se o Projeto de Pesquisa Intervenção, o Projeto e o Relatório final do Curso CDE e por fim foram realizados levantamentos e breves análises de atividades e informações no Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA/Moodle), destacando-se comentários de três dos/as alunos/as do curso, sendo estes professores/as da rede de ensino básico do Maranhão, postados nos fóruns de discussão e descritos em seus projetos didáticos desenvolvidos nas escolas em que trabalham.

CORPOS E SEXUALIDADES TRANSVERSALIZADOS NO ESPAÇO ESCOLAR

Sabemos que nem todas as mulheres e homens são iguais entre si. Existem múltiplas possibilidades de feminilidade e masculinidade e várias maneiras de expressar os desejos e os prazeres, enfim há inúmeras possibilidades de existir enquanto ser humano. Em nosso contexto social e cultural ainda há uma dificuldade de reconhecer e valorizar as diferenças e isto acontece, porque alguns tipos de existência são considerados legítimos e outros não.

Desde o final dos anos 70 do séc. XX, uma ampla, complexa e profícua produção acadêmica vem ressaltando a impossibilidade de se ignorarem relações de gênero e sexualidade quando se busca analisar e compreender questões sociais e educacionais. Estudiosas/os e pesquisadoras/es de várias nacionalidades e filiações teóricas e disciplinares participaram e continuam participando da construção desses campos, numa perspectiva que focaliza tanto relações de gênero e sexualidade quanto suas importantes articulações com dimensões como raça/etnia, classe, geração, nacionalidade, religião, dentre outras.

Na Constituição Federal é instituída a igualdade de todos/as, assim como a LDBEN 9394/96, o Plano Nacional de Educação (PNE) e os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) orientam para uma educação inclusiva, não sexista e não racista, sendo que a implementação de programas federais demanda formação específica de profissionais da educação a nível estadual e municipal em todo o país. O PNE, aprovado no ano de 2014, documento que define metas para o período de dez anos do ensino básico ao superior, apresentou como proposta a discussão sobre a discriminação, equidade de gênero e orientações pedagógicas sobre a sexualidade.

No Brasil, embora no final do século XX tenha havido crescentes conquistas do movimento feminista e de mulheres na implantação de políticas e ações voltadas para a garantia dos Direitos Humanos de todas as pessoas, presenciamos o florescer da discussão sobre a inserção do debate de gênero nas escolas, assunto que vem se alastrando e gerando diversas discussões acerca do currículo escolar, que, por vezes, mostram-se controversas e acaloradas.

Diante de tal fato, grupos de ativistas religiosos e parlamentares vêm se organizando e atacando firmemente tais apontamentos para adição de conteúdos, desde que estes foram incorporados ao plano. Isso sempre é feito por intermédio de discursos fundamentados em "achismos" e doutrinas religiosas, atrasando com isso a possibilidade de implementação de importantes propostas pedagógicas que buscam a construção de uma sociedade mais coesa e equânime. Ainda nos deparamos com desigualdades de gênero, com preconceitos e discriminações em relação ao sexo, à orientação sexual e, não é dada a devida atenção a essas questões no cotidiano da sala de aula em todos os níveis da educação básica.

O corpo é objeto de interesse dos estudos contemporâneos. Isto se dá, porque ele tornou-se uma obsessão social: busca-se corrigi-lo e intervir nele de múltiplas formas, por meio de exercícios físicos, do uso de drogas medicinais, cirurgias plásticas, controle da alimentação, entre outros modos de intervenção.

Por isso é possível afirmar que o corpo é uma construção social, cuja constituição não se acaba e nunca é definitiva. Weeks (2016) compreende o corpo e a sexualidade como construções culturais que recebem significados sociais. Contudo, as noções de corpo e sexualidade são constantemente abordadas dentro de

uma perspectiva biológica, desconsiderando a corporalidade como produção da cultura e é por meio do olhar da cultura que ela recebe sentido.

Pensar e discutir os corpos e as sexualidades no ambiente escolar pode tornar-se um perigoso exercício na atualidade, visto que grupos conservadores instalados nos diversos cenários políticos influenciam diretamente no exercício da docência, ditando e regulando os discursos que apenas desejam promover a equidade entre os gêneros e promover o respeito pela diversidade sexual, visto que foi e é possível constatar que a sexualidade e o gênero constituem-se, duplamente, numa fonte problemática.

Louro (2016) também esclarece que ao passo que o discurso sobre a diversidade tomasse forma nos espaços educacionais, os discursos conservadores tomariam a contrapartida impondo suas ideias não apenas como um contraponto, mas como regime totalitário e repressor. Como defende Foucault (2015, p. 8) “[...] a repressão funciona, decerto, como condenação ao desaparecimento, mas também como injunção ao silêncio, afirmação de inexistência e, conseqüentemente, constatação de que, em tudo isso, não há nada para dizer, nem para ver, nem para saber”.

Sabemos que a linguagem, os silêncios, os preceitos e os corretivos aplicados na socialização de crianças e jovens, as discriminações e as violências produzidas concorrem na construção de corpos, sujeitos e identidades, promovendo a adaptação a ele e punindo o que é percebido como desvio à norma.

Se por um lado, temos a manifestação da sexualidade e o desejo de saber das crianças e adolescentes se acentuado cada vez mais, sendo este um fator intrigante para os/as próprios/as docentes que, muitas vezes, não sabem, ou não aprenderam a ensinar tais questões; por outro lado, sabemos que muitas/os docentes carregam consigo insegurança, dúvidas, desconhecimento, medos e tabus, frutos de sua própria história de vida, incluindo a educação sexual que tiveram, seja ela intencional ou informal, e os processos de formação docente e continuada que vivenciaram. Sobre o trabalho que vise a desmistificação dessas questões pela/o docente em sala de aula, Dias (2014, p. 1874) ressalta que:

É fundamental, portanto, um trabalho de formação sobre as questões das relações de gênero, da desigualdade social e da necessidade de seguir uma pedagogia dentro de um compromisso pela transformação da condição feminina. Conscientizar cursistas, graduandos/as e professores/as a terem com as crianças atitudes que não passem modelos sexistas, destinando a alunos e alunas as mesmas atividades ou cuidando para não reforçar por palavras e ações os modelos machistas.

Os estudos sobre as relações de gênero e a sexualidade visam promover: um debate consciente em torno da equidade dos direitos de homens e mulheres, lutando para que a pessoa mulher possa galgar lugares de evidencia no mercado de trabalho, assim como lhes propiciando condições dignas trabalhistas; um debate constante no que tange o respeito e visibilidade das sexualidades e gêneros ilegítimos da sociedade, reconhecendo que lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros, queer, intersexuais, assexuais e outras diversidades (LGBTQIA+) são cidadãos detentores de direitos e deveres; a capacidade dos jovens de reconhecerem métodos contraceptivos, refletindo sobre a prevenção de uma gravidez precoce e das Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST's); além de ensinar as crianças que o corpo nada mais é do que uma propriedade particular, reconhecendo que qualquer tipo de toque indesejado, assédio ou violência deve ser denunciado as mães, pais e responsáveis para que possam tomar as devidas providências.

SOBRE O CURSO CDE

O curso de aperfeiçoamento *Corpos e Diversidade na Educação (CDE)* foi ofertado pelo GESEPE em conjunto com a Fundação Sôsândrade para professores/as com o objetivo de desenvolver formação continuada de profissionais em educação, em especial de professores/as da Educação Básica, sobre a corporeidade e diversidade, com ênfase na diversidade de gênero e sexual, para que sejam capazes de produzir e estimular a produção de seus/suas educandos/as nas diferentes situações do cotidiano escolar e em outros espaços educativos, além disso, para que conhecessem as experiências que os professores/as que são os alunos/as trazem da

sala de aula sobre cada pauta. O período de duração foi de março a setembro de 2021.

De acordo com o projeto do CDE (SILVA, 2020), o curso foi desenvolvido de modo a permitir o debate transversal sobre as temáticas de gênero, sexualidade e diversidade sexual e gênero. Para tanto, foi estruturado em seis módulos, sendo um módulo introdutório, quatro temáticos e um de avaliação, possibilitando a correlação entre os temas abordados, sendo estruturados nos seguintes Módulos:

Módulo I: INTRODUÇÃO AO CURSO E AO AMBIENTE VIRTUAL DE APRENDIZAGEM - 20 horas

Projeto do Curso / Ambiente Virtual de Aprendizagem / Atividades Avaliativas do Curso

Módulo II: DIVERSIDADE - 30 horas

Diversidade e direitos humanos / Desigualdades e Diversidade na educação / Diversidade nas Políticas Educacionais / Diferenças e Desigualdades na escola e sociedade / Estereótipos, Preconceitos e Discriminações / Racismo, Machismo e Sexismo: o que são e como combater? / Orientações Pedagógicas para a Diversidade.

Módulo III: CORPOS E CORPOREIDADES - 30 horas

Corpos e Corporeidades: alguns conceitos / Educação e Corporeidade / Corpos, gêneros e sexualidades / Corporeidade e diversidade / Corporeidades nas Práticas pedagógicas.

Módulo IV: RELAÇÕES DE GÊNERO NA ESCOLA - 30 horas

A contribuição dos estudos de gênero / Identidade de gênero e orientação sexual / O combate à discriminação sexual e de gênero / Violência de gênero / Lesbo/homo/bi/transfobia / A invenção da 'Ideologia de Gênero' / Diferenças de gênero no cotidiano escolar.

Módulo V: EDUCAÇÃO EM SEXUALIDADE - 30 horas

Educação Sexual na escola: uma necessidade / Sexualidade no currículo escolar / Direitos sexuais,

reprodutivos e preventivos / Abuso e Violência sexual de crianças e adolescentes / Diversidade sexual na escola / Relações de Gênero e a sexualidade nas práticas educativas Módulo.

VI: AVALIAÇÃO - 40 horas

Elaboração do Memorial descritivo / Produção, operacionalização e apresentação de projeto didático de intervenção.

Durante o curso, houve encontros virtuais (atividades síncronas) por Módulo, modalidade na qual o/a professor/a transmite ao vivo sua aula, sendo o primeiro encontro por meio da Plataforma YouTube, os dos módulos II, III, IV e V na Plataforma organizada pela Fsadu e o Webnário de encerramento pela Plataforma Google Meet. Os encontros síncronos foram necessários especialmente considerando o momento atual em que se tem necessidade de distanciamento social, devido à proliferação novo Coronavírus e da COVID-19, para que as/os cursistas pudessem esclarecer dúvidas, participar dos minicursos ministradas por professores/as pesquisadores/as, membros do GESEPE.

O primeiro encontro virtual aconteceu durante o I SICODE – Simpósio Nacional Corpos e Diversidade na Educação, pensado especialmente para inaugurar o Curso de Aperfeiçoamento Corpos e Diversidades na Educação – CDE que aconteceu no dia 16 de março de 2021, disponível no Canal do GESEPE no Youtube¹.

Membros do GESEPE também foram os/as tutores/as online, colaborando para que as atividades propostas pelas/os docentes sejam realizadas e as/os subsidiarão no que se refere às dificuldades encontradas pelas/os cursistas no decorrer de cada disciplina. Além disso, elas/es orientaram as/os cursistas no esclarecimento de dúvidas sobre a navegação no ambiente virtual de aprendizagem (AVA/MOODLE), no que diz respeito a problemas de acesso que porventura surgirem durante a realização do curso.

Em relação às atividades avaliativas do Curso CDE, destacam-se principalmente duas das atividades que são analisadas neste

1 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=AfR5p4LL9K8>.

artigo: Fórum e Projeto Didático de Intervenção. Conforme (SILVA, 2021), destacamos:

- Fórum perguntas e respostas

Durante o Curso foram priorizados o fórum do tipo P/R (perguntas e respostas), no qual o/a participante só visualiza a resposta dos demais após a postagem de sua participação, permitindo, assim, que o/a docente obtenha uma resposta mais direta e individual de cada discente. Este fórum permite, também, a colaboração entre os participantes, porquanto, após colocar sua primeira resposta em determinado tópico, o/a discente pode interagir livremente. O/A docente observará que cada pergunta corresponde a um tópico. A primeira postagem do/a discente é a que será utilizada para avaliação e o/a discente deve se atentar aos prazos estipulados pelo/a docente para as postagens de suas respostas e comentários.

- Projetos Didáticos de Intervenção

O trabalho final do curso CDE, foi elaborado, segundo SILVA (2021) sob a forma de um projeto didático de intervenção, definido como um conjunto articulado de ações e pelo envolvimento de pessoas motivadas para o alcance de um objetivo comum, por meio de estratégias previstas num tempo determinado (início, meio e fim), com recursos limitados e sob constante avaliação. Como finalização, os/as cursistas precisam apresentar um projeto de intervenção, em alguma escola, com os temas referentes a tudo que foi debatido, ou seja, sobre corpos, diversidade, gênero, sexualidade e direitos humanos.

Assim, segundo o Módulo VI (SILVA, 2021), durante o curso e a partir de diagnósticos realizados em Instituições Educacionais, o/a cursista e sua equipe produziram e desenvolveram um Projeto Didático de Intervenção para ser desenvolvido no referido módulo. Lembrando que no desenvolvimento do projeto foi também levado em consideração o atual momento de pandemia, realizando atividades propostas junto aos/às docentes e discentes da instituição selecionada, cujo modelo é encontrado em anexo, no mesmo módulo e que podemos resumir como “Roteiro de elaboração do Projeto de Intervenção” solicitando: Título, identificação dos/as cursistas (equipe de trabalho), objetivos pretendidos com a atividade

proposta, descrição das atividades, recursos didáticos, descrição dos/as participantes, avaliação e outras informações pertinentes.

O QUE DIZEM E FAZEM OS/AS CURSISTAS DO CDE?

Neste momento, apresentamos alguns trechos extraídos de Fóruns de discussão no AVA do curso, na tentativa de compreender algumas das representações que possuem os/as professores/as participantes do projeto sobre corpos, gêneros, sexualidades, orientação sexual, LGBTIFobia, dentre outros percebidos e voltados ao cotidiano escolar.

Para tal, foram escolhidos três cursistas do CDE e algumas das atividades realizadas nos Módulos III, IV e V, para breves análises. A escolha dos sujeitos e dos referidos módulos se deu a partir da leitura dos seus comentários em debates, projetos didáticos e os temas escolhidos por elas/e, buscando relacionar com os objetivos do Plano de Trabalho da bolsista do PIBIC, que também contribuiu na escrita deste artigo. No quadro a seguir, apresentamos um pouco do perfil desses sujeitos selecionados:

Quadro: Perfil dos/as colaboradores/as selecionados na pesquisa

Cursistas	Quem são?
Cursista I	Assistente Social e Pedagoga. Supervisora escolar das redes estadual (IEMA) e municipal de São Luís (EJA). Mestre em Educação PPGEEB/UFMA.
Cursista II	Formada em Serviço Social, formada pelo antigo magistério, licencianda em pedagogia, no 4º período, pela UEMA.
Cursista III	Formado em Letras/ Inglês pela Universidade Estadual do Maranhão. Atualmente mestrando e professor em duas escolas da Rede Municipal de Imperatriz trabalhando língua inglesa com o fundamental maior.

Fonte: organizado pela bolsista orientanda do PIBIC, 2021.

Em relação ao Módulo III, que trata sobre corpos e corporeidades e o fórum proposto pedia para comentar resumidamente o entendimento sobre as relações existentes entre **corporeidade, diversidade e educação**². A cursista I ressalta que:

2 Comentário publicado no Fórum 1 do Módulo III – Corpos e Corporeidades do Curso Corpos e Diversidade na Educação, organizado no Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA), organizado pela Fsadu (2021).

“Entendo como é intrínseca a relação entre corporeidade, diversidade e educação. Visto que, é notório a diversidade dos corpos dentro do espaço escolar e as relações entre os sujeitos perpassam pelas diferenças corporais e todas nuances que estão em seus entornos. Tudo que fazemos envolve corpos e suas diversidades e se estamos no ambiente escolar, surgem situações e vivências que muitas das vezes interferem diretamente nas vidas das pessoas envolvidas. É o caso dos corpos dissidentes e abjetos, aqueles que foram empurrados para a margem da sociedade padronizada cis-heteronormativa”.

A cursista II complementa:

“A ideia de vivência escolar compreende percepções e traços constitutivos de cada indivíduo envolvido em uma ação criadora e as particularidades que emergem a partir de suas relações com o meio, corporeidade é a condição de presença, participação e significação do homem no Mundo”.

O cursista III completa:

“A escola é um ambiente onde lidamos diariamente com uma grande variedade de corpos. Mesmo assim, ainda nos deparamos com situações de desrespeito e intolerância às diferenças. Enquanto educadores/as, precisamos agir para transformar nosso ambiente, as pessoas que nele circulam e até nós mesmos. Transformar é uma ação cada vez mais urgente e necessária principalmente dentro do ambiente escolar. É preciso que em conjunto à nossa prática de ensino de conteúdos curriculares de forma transversal inserirmos nas nossas aulas debates e discussões de desenvolver o entendimento sobre o corpo e toda sua complexidade, precisamos vê-lo para além dos aspectos fisiológicos, biomecânicos e psicomotor pois nossos corpos refletem também, os aspectos e influências sócio históricas, culturais, políticas, geográficas, de classe, de raça, de gênero, de sexualidade e outros marcadores sociais. Não se descartam as situações biológicas e fisiológicas corporais, mas se atribui outras nuances individuais, psicossociais, culturais, religiosas para o entendimento da corporeidade”.

Diante dos comentários dos/as alunos/as, percebe-se que a escola precisa estar preparada para lidar com todas essas questões e possibilitar de forma clara e objetivo a inserção desses assuntos a fim de tentar romper paradigmas conservadores e desfazer mitos e preconceitos que foram estabelecidos ao longo dos tempos na sociedade e que reflete no pensamento de nossos alunos. É nessa compreensão que podemos discutir a educação pensando em um sujeito completo, que se justifica trabalhar o corpo no incentivo do esporte, da arte e da cultura.

Compreendendo-se aqui um sujeito que aprende com o corpo através de suas vivências trabalhando o corpo no campo das experiências na educação visando o eu, o outro e o nós compreendendo a diversidade humana, fazendo-se respeitar e respeitando o outro.

Assim, observa-se que educação e corporeidade estão atreladas na medida em que o ser humano em sua diversidade é integral, biopsicossocial e pode usar o corpo para aprender, sentir e viver. Esses debates e conversas realizadas no ambiente escolar e levados para além das escolas são importantes para que haja uma desconstrução maior em padrões de corpos para que seja possível que qualquer criança ou adolescente possa aprender com responsabilidade, dignidade, integração e respeito mútuo, prezando pelo seu desenvolvimento como sujeito experiencial da sociedade.

O Módulo IV trata de relações de gênero na escola, e o fórum intitulado **“Ensinando e aprendendo sobre gênero na escola”** onde pede que após a leitura dos textos citados, os alunos/as respondam as questões seguintes: Como são as relações de gênero na escola entre professores/as, alunos/as, funcionários/as? Como meninos e meninas são tratados/as nas famílias e no ambiente escolar? Qual a importância de ensinar e aprender sobre relações de gênero, violência de Gênero e identidades de gênero? Sobre os comentários do referido Fórum³, destacamos que a cursista I comenta:

“Na pesquisa da minha dissertação, em uma escola pública estadual de ensino médio, o que mais observamos foram relações de gênero nas quais as mulheres

3 Comentários publicados no Fórum do Módulo IV – Relações de Gênero na Escola, do Curso Corpos e Diversidade na Educação, organizado no Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA), organizado pela Fsadu (2021).

são desvalorizadas, sofrendo preconceitos e discriminações. Como por exemplo, quando o torneio de futebol realizado todos os anos pela referida escola, os times femininos recebiam tratos preconceituosos e discriminatórios, principalmente por meio de “brincadeiras e piadas”, onde as meninas e jovens envolvidas eram sempre menosprezadas e recebiam apelidos maldosos e desrespeitosos. Como alternativa podemos sugerir um ciclo de rodas de conversas sobre o assunto, exemplificando com os tratos da própria escola e realizando dinâmicas de troca de papéis de gênero, meninos nos lugares das meninas e meninas nos lugares dos meninos. Posteriormente se ouviria todEs que participaram das atividades, no intuito de desconstrução e reconstrução de novas relações de gêneros na escola. Em conversas informais entre professores, podemos ouvir expressões como: aluna esforçada, aluno relaxado; menina galinha, menino conquistador, moça vulgar, rapaz garanhão; menina masculinizada, menino afeminado”.

A cursista II ressalta:

“As escolas em seu corpo docente e discente constitui um reflexo da sociedade e corrobora para a manutenção de um conjunto de estereótipos que precisam ser revistos e modificados. Isso pode ser observado no incentivo aos meninos em participarem de atividades esportivas, atividades de liderança e agilidade, enquanto que as meninas são incentivadas a fazerem atividades mais calmas, que envolvam atividades manuais como decoração, pintura, trabalhos mais artísticos. Isso reflete por toda vida e continuam a perpetuar estereótipos que prejudicam bastante a visão de gênero e do papel de homens e mulheres na sociedade tais qual a de que o homem é o provedor, o aventureiro, enquanto que a mulher tem que ser a sensível e que necessita da proteção masculina. Esses estereótipos também contribuem de forma bastante negativa como as constantes falas de que homem não pode chorar, não deve ser artístico que contribui para que os homens não expressem seus sentimentos o que termina por prejudicar os relacionamentos adultos”.

Conforme afirma Louro (1997), as práticas rotineiras e comuns, os gestos, as palavras banalizadas precisam ser alvo das atenções e da desconfiança, ou seja, daquilo que é tomado como “natural”. Questionar não só o conteúdo ensinado, mas também a forma como é ensinado e qual é o sentido que os/as alunos dão ao que aprendem, atentar para o uso da linguagem, procurando identificar o sexismo, o racismo e o etnocentrismo que frequentemente a linguagem carrega e institui, são tarefas essenciais e de seus educadores/as. A linguagem é uma forma perspicaz, persistente e eficaz na produção das distinções e das desigualdades. Conforme Louro (1997, p. 65): “a linguagem não apenas expressa relações, poderes, lugares, ela os institui; ela não apenas veicula, mas produz e pretende fixar diferenças”.

Em relação ao comentário da cursista II, destacamos que as mulheres pela falta de incentivo, muitas vezes acabam perdendo oportunidades de construir carreiras no mercado de trabalho. Esses problemas que se manifestam na vida adulta são reflexos de tudo que acontece na escola. As meninas são incentivadas a serem organizadas com seus materiais escolares enquanto que os meninos se aceitam de qualquer forma com o pretexto que eles são homens, são mais desleixados mesmo, que é normal. Se cobram posturas das meninas ao se sentarem, ao se vestirem, ao modo de andar, aos locais da escola em que elas podem estar, enquanto que dos meninos não se cobram as mesmas coisas.

Para que isso mude é necessário antes de tudo uma mudança de atitude por parte dos professores, diretores e coordenadores que precisam estudar e está por dentro dos estudos de gênero e sexualidade a fim de oferecerem esse suporte que a maioria das crianças não tem da própria família, para que a partir desse conhecimento e dessa visão diferenciada possa trabalhar na sala de aula e através de projetos em temas transversais mudar essa realidade e de forma prática elaborar ações que quebram esses padrões de comportamento relacionados a cada um dos gêneros.

O Módulo V Educação em Sexualidade, tratando de Sexualidades e Educação Sexual, no fórum intitulado “Sexualidade no Currículo e nas práticas pedagógicas: vencendo desafios”, com o objetivo dos alunos comentarem com eles entendem que o/a docente deve tratar questões referentes à sexualidade humana,

como violência sexual, direitos sexuais e reprodutivos e diversidade sexual. na escola, sugerindo algumas alternativas de trabalho nas práticas pedagógicas em sala de aula. Vejamos o que disseram as alunas e o aluno do curso CDE⁴:

“No meu entendimento é de suma importância a inserção responsável da educação sexual em todo sistema educacional e níveis de ensino. isso a partir de formações iniciais e continuadas sobre os temas e desconstrução dos preconceitos, desinformações e dúvidas sobre tais assuntos. Sugerimos em nosso projeto o trato da corporeidade e diversidades para que os/as alunos possam se enxergar no contexto do assunto abordado para reflexão, análise e mudança de pensamentos e atitudes.” (Cursista I)

“O educador deve ser um profissional devidamente informado sobre a sexualidade humana que reflita sobre ela e atualize sempre seus conhecimentos, para suscitar uma educação sexual mais efetiva, para isso, é necessário falar adequadamente sobre os temas como sexualidade e sexo para a população, tendo-se em vista a necessidade da promoção da saúde sexual, assim, será capaz de criar contextos pedagógicos adequados e selecionar estratégias de informação, reflexão e debates.” (Cursista II)

“...É incrível o medo de muitas pessoas sobre o ensino de sexualidade na escola que será um ensino feito de forma consciente, organizada e de forma responsável, mas ignoram que o tempo todos as crianças estão aprendendo sobre sexo e sexualidade nas músicas, filmes, novelas as vezes sem nenhuma preocupação com o que está se propagando.” (Cursista III)

Trabalhar com a sexualidade no cotidiano escolar ainda é um tabu que deve ser superado, tendo em vista que a sexualidade é intrínseca ao ser humano e além disso, é um assunto de urgência dentro do ambiente escolar, devido a necessidade atual.

4 Comentários publicados no Fórum do Módulo V – Educação em Sexualidade do Curso Corpos e Diversidade na Educação, organizado no Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA), organizado pela Fsadu (2021).

O curso de aperfeiçoamento teve como uma das atividades finais, o projeto de intervenção na escola, e trouxemos aqui, o projeto dos três alunos/as participantes dessa pesquisa. O projeto de intervenção da aluna I teve como título “O CORPO QUE ESTÁ NA ESCOLA, TAMBÉM ESTÁ FORA DELA: Corpo, Templo da Minha Arte!” com o objetivo de Compreender questões relacionadas a gênero e sexualidade, corpo e diversidade, desenvolvendo propostas didático-pedagógicas como alternativas que versam sobre igualdade em direitos entre homens e mulheres, o respeito, a empatia e alteridade.

O da cursista II se intitula “Identificação dos estereótipos que são reproduzidos na escola e que dificultam a aprendizagem.” e tem como objetivos Identificar e reunir os inúmeros estereótipos disseminados na educação que de alguma forma dificulta a aprendizagem e afasta os educandos do contato e convívio social e educacional; Debater os conceitos, discursos e estereótipos disseminados no espaço escolar; Contribuir para o enfrentamento das dificuldades de aprendizagem oriundas da produção e reprodução de estereótipos.

E por fim, o cursista III intitula seu projeto “Práticas de combate ao bullying e respeito à diversidade no ambiente escolar.” com os objetivos de a) Refletir sobre a importância de se respeitar a diversidade que como reflexo da sociedade complexa que vivemos também se manifesta no ambiente escolar. b) Compreender o que é o bullying e como ele se manifesta dentro do ambiente escolar. c) Sugerir e implementar práticas que vão desde palestras e seminários de conscientização e respeito à diversidade até a elaboração de ações e práticas pedagógicas coletivas a fim de combater o bullying praticado no ambiente escolar. Analisando esses projetos de finalização de curso, observa-se a obtenção de sucesso com o curso, onde os alunos/as entenderam o que foi proposto, obtiveram o conhecimento que foi ofertado e com ele, se fizeram professores/as com boas intenções de intervenções na realidade, que é o objetivo do curso, o aperfeiçoamento dos professores/as.

ENCERRANDO NOSSA CONVERSA

Falar de sexualidade, não se trata do incentivo precoce da relação sexual, a sexualidade perpassa o contato físico, ela exprime desde os menores prazeres individuais que o ser humano pode se

proporcionar, como a satisfação na leitura de um bom livro, ou até mesmo na degustação de um chocolate, dentre outros.

Embora este artigo trate de breves análises de atividades realizadas no Curso CDE, sendo este um curso de formação docente continuada, para evocar esses temas dentro da sala de aula, não necessariamente deve-se elaborar um plano de aula específico, visto que podem ser incluídos nas mais diversas áreas do conhecimento, desde os estudos da Matemática quando interpretamos um problema, na História, Geografia, até nos debates nas aulas de Sociologia onde podemos discutir e problematizar a importância do respeito sobre o próprio corpo, o corpo do outro, e especialmente sobre o corpo feminino, tão carregado de estereótipos.

Exploramos alguns relatos, falas importantes sobre o assunto por parte dos/as professores/as e sentimos que há esperança na educação das próximas gerações em relação aos Corpos, Gêneros e Sexualidades. Podemos ainda afirmar que os/as professores/as participantes do Curso, dentre eles/as os que integram este estudo, demonstraram terem se apropriado de conhecimentos sobre as temáticas estudadas. Assim, concluímos que cursos de aperfeiçoamento voltados às temáticas Corpos, Diversidade, Relações de Gênero, Sexualidades, Educação Sexual nas escolas, dentre outras que tratam dos direitos humanos, são necessários para que haja mudanças no olhar e nas práticas pedagógicas de docentes no cotidiano escolar como um todo.

Nós educadores/as temos o dever de problematizar, mesmo que de forma discreta estes temas transversais entre os conteúdos escolares, promovendo assim a colaboração na formação de cidadãos/as críticos e que compreendamos que todos/as somos merecedores/as de respeito e dignidade, independente de nossas identidades.

REFERÊNCIAS

DIAS, Alfrancio Ferreira. Introduzindo a perspectiva de gênero na formação docente para uma educação não discriminadora. In: **Anais do 18o REDOR**, Recife, 2014. Disponível em: < file:///C:/Users/USERS%20PC/Downloads/765-4643-1-PB.pdf >. Acesso em: 10 fev. 2018.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber.** Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 3 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós estruturalista.** 3 ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, Guacira (Org.). **O corpo educado.** Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

SILVA, Sirlene Mota Pinheiro da. **Projeto de pesquisa: a construção das relações de gênero e da sexualidade no cotidiano escolar.** Aprovado pela Resolução Nº 1807 - CONSEPE/UFMA, 20 dez. 2018.

SILVA, Sirlene Mota Pinheiro da. **Projeto de curso: corpos e diversidade na educação.** Aprovado pela Resolução Nº 2.113-CONSEPE/UFMA, 17 nov. 2020.

SILVA, Sirlene Mota Pinheiro da. **Relatório final: curso de aperfeiçoamento corpos e diversidade na educação.** Aprovado pela Pró-Reitoria e Extensão e Cultura – PROEC/UFMA, 2021.

SOARES, Samara Sousa Diniz; STENGEL, Márcia. Netnografia e a pesquisa científica na internet. **Psicologia USP**, [S.L.], v. 32, p. 1-11, 2021.